

CCDR LVT

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional  
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

junho | 2025

# ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO  
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



### Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste** o mês decorreu quente, mas com instabilidade térmica, principalmente nas temperaturas máximas que apresentaram oscilações diárias significativas, e com uma tendência de subida das temperaturas, mais destacada nos valores máximos. Durante o mês ocorreram três períodos com temperaturas máximas muito superiores ao normal para a época, com valores acima de 30°C, que ocorreram no dia 9, entre os dias 16 e 19 e entre os dias 27 e 30. Os valores mais elevados de temperatura máxima situaram-se acima do normal para a época, de acordo com os registos para as estações de Alcobaça e de Torres Vedras/Dois Portos. Os valores mais baixos de temperatura mínima também se apresentaram inferiores ao normal para a época em ambas as estações, embora tenham predominado os dias com temperaturas mínimas superiores ao normal para a época.

Ocorreram amplitudes térmicas diárias significativas, com alguns dias a registarem valores mais acentuados. As amplitudes térmicas máximas, foram de 20,8°C na estação de Alcobaça no dia 9, de 13,1°C na estação de Santa Cruz/Aeródromo no dia 17 e de 22,7°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos no dia 16.

O mês decorreu principalmente com dias de céu pouco nublado ou limpo e com períodos de maior nebulosidade junto ao litoral, tendo-se verificado também na primeira metade do mês alguns dias de céu muito nublado.

O mês decorreu seco, tendo a pouca precipitação ocorrido sob a forma de aguaceiros e chuva fraca ou chuvisco. Os valores acumulados, registados nas estações de Alcobaça e de Torres Vedras/Dois Portos,

corresponderam respetivamente a 7% e a 5% do normal para a época.

Ao longo do mês, foi frequente a formação de neblina ou nevoeiro matinal, principalmente nos locais mais junto ao litoral.

O mês foi ligeiramente menos ventoso do que o anterior, tendo os dias decorrido com vento fraco a moderado, soprando por vezes forte junto ao litoral. Foram registadas rajadas superiores a 40km/h, um dia na estação de Alcobaça, nove dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e oito dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

A humidade média relativa do ar foi elevada ao longo do mês, mas um pouco menos acentuada na estação de Alcobaça.

Devido às condições climatéricas os níveis de água no solo diminuíram significativamente. No final do mês predominava na região o índice de capacidade de campo CC [21, 40]. No entanto, algumas áreas do território encontravam-se ainda no índice CC [41, 60], em concreto, a zona norte do concelho de Alcobaça, quase todo o concelho da Nazaré, a parte sudeste do concelho de Caldas da Rainha, as zonas nordeste e sudoeste do concelho do Cadaval, a parte sul do concelho da Lourinhã, todo o concelho de Torres Vedras e a zona sudoeste do concelho de Alenquer.

No final do mês, as reservas de água superficiais apresentavam um decréscimo muito ligeiro face ao mês anterior e mantinham volumes de armazenamento acima do normal para a época, verificando-se uma boa disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais. Algumas captações subterrâneas começavam a evidenciar restrições de água para rega.

As condições climatéricas foram favoráveis à realização das atividades agrícolas em geral, as quais decorreram com grande intensidade ao longo de todo o mês, permitindo a conclusão dos cortes de forragem e da instalação das culturas de primavera verão, bem como a

realização de adubações e tratamentos fitossanitários. Com a subida das temperaturas e o tempo mais seco, diminuiu a pressão de doenças fúngicas como o míldio, nas vinhas e na cultura da batata. As temperaturas muito elevadas nos últimos dias causaram algum escaldão nos frutos, principalmente em maçãs e poderão ter atrasado o desenvolvimento das peras. No tomate para a indústria o excesso de calor na fase da floração poderá provocar uma diminuição de frutos. No entanto, no final do mês ainda não era possível avaliar o impacto da onda de calor. As culturas de primavera verão em sequeiro, como o feijão, o grão-de-bico e o milho, no final do mês estavam a sentir o efeito da ausência de precipitação. Nas hortícolas ao ar livre, as cenouras e as couves encontravam-se em colheita, ambas com uma qualidade média/baixa devido às condições climáticas ocorridas durante o período de desenvolvimento das culturas e também devido aos problemas fitossanitários. As condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento das abóboras, que apresentavam um mês de atraso devido à sementeira mais tardia. No final do mês as Butternut encontravam-se quase em colheita. As variedades Musqué e Menina, estavam no início do vingamento. Nas hortícolas em estufa, os dias com pouca luminosidade influenciaram o crescimento vegetativo. A primeira campanha de tomate, aproximava-se do final.

No **Médio Tejo**, o mês caracterizou-se por temperaturas máximas muito altas e humidades noturnas ainda um pouco altas. Na segunda quinzena e em especial na última semana do mês registaram-se temperaturas mais elevadas do que o normal para a época. As amplitudes térmicas diárias com alguma variabilidade ao longo do mês, atingiram valores médios de 16,0°C e de 19,8°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega, superiores ao mês anterior. A maior amplitude térmica diária foi de 26,9°C registada no dia 16 na estação de Tomar/Vale Donas e de 30,1°C, registada no dia 28 na estação de Alvega.

Na estação meteorológica de Alvega a temperatura máxima mais elevada verificou-se muito superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa verificou-se inferior à normal para a época.

Ao longo do mês, os dias decorreram maioritariamente com céu pouco nublado ou limpo e em alguns dias apresentando períodos de alguma nebulosidade. Verificou-se na primeira quinzena do mês alguma formação de neblina ou nevoeiro matinal.

No que respeita ao vento, esteve essencialmente moderado e alguns dias entre moderado a forte.

O mês decorreu praticamente sem chuva, registando-se dois dias em ambas as estações meteorológicas com precipitação acumulada residual. Relativamente ao normal para a época a precipitação acumulada no mês foi muito inferior e traduziu-se num decréscimo de 74,3%.

Em ambas as estações meteorológicas a humidade relativa média do mês baixou significativamente relativamente ao mês anterior.

O teor de água no solo nos concelhos de Torres Novas, Tomar, Sardoal, Vila Nova da Barquinha, Entroncamento, Constância e na maior parte dos concelhos de Ferreira do Zêzere e de Ourém, situava-se no final do mês maioritariamente no índice CC [21, 40]. O concelho de Abrantes situava-se maioritariamente no índice CC [41, 60], assim como as restantes partes dos concelhos de Ourém, Abrantes e Ferreira do Zêzere. Os concelhos de Alcanena e Mação situavam-se quase na totalidade no índice CC [41, 60]. Verificou-se ainda uma mancha situada no índice CC [11, 20] que abrange uma zona de transição entre os concelhos de Ourém e Tomar.

As reservas de água superficiais apresentavam-se com níveis altos, não se identificando na região falta de água para rega nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, no que respeita às culturas de primavera-verão a melhoria das condições climatéricas ao longo de junho permitiu a conclusão das sementeiras, contudo, no geral com um atraso significativo. Ao longo do mês as condições de tempo permitiram o início da colheita nas culturas cerealíferas de outono-inverno, que se desenrolaram com normalidade. Nos prados de regadio manteve-se um crescimento lento das plantas perenes pela vaga de calor ocorrida no mês. Nos olivais tradicionais, as altas temperaturas que se registaram não só na última semana de maio, bem como em alguns dias de junho, tiveram impacto no final da floração, resultando numa elevada taxa de abscisão dos ovários não fecundados. Aliadas a estas condições, a simultânea renovação foliar das oliveiras durante o período de floração, que caracterizou o mês anterior, refletiu-se em junho pela competição direta entre frutos recém vingados e novos crescimentos, o que acentuou a normal queda fisiológica dos mesmos, mais evidente nas ramificações laterais das árvores. Para além do acima referido, as elevadas temperaturas de junho, provocaram queimaduras diretas nos frutos expostos e conseqüente queda dos mesmos. No geral, nos olivais as condições climatéricas foram favoráveis ao vingamento e crescimento dos frutos. Relativamente às figueiras, as condições climatéricas não influenciaram o desenvolvimento normal dos figos lampos e vindimos. Na cultura de grão de bico, a pluviosidade contínua e em grande volume, criou uma janela muito curta para as sementeiras, e algumas delas foram efetuadas com os terrenos em muito más condições, saturados de água. Acresce que, a pluviosidade aliada a temperaturas ótimas para o desenvolvimento de fungos, levaram a uma maior pressão de doenças e dificuldade de controlo das mesmas devido aos terrenos intransitáveis para a realização de tratamentos. No que respeita às noqueiras, a subida das temperaturas permitiu um melhor controlo das doenças fúngicas na cultura. Nas vinhas para vinho, verificaram-se os primeiros sinais de escaldão, sobretudo nas vinhas novas com os cachos mais expostos. As noites ainda com muita humidade e

os dias quentes, com grande oscilação de temperaturas, promoveram o surgimento de novos focos de mildio.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, o mês caracterizou-se por uma grande oscilação nas temperaturas máximas e por uma tendência de subida dos valores máximos e mínimos, mas mais acentuada nos máximos. As amplitudes térmicas diárias mantiveram alguma variabilidade ao longo do mês em ambas as regiões e em alguns dias foram bastante acentuadas. Na Lezíria do Tejo o valor médio da amplitude térmica foi 16,0°C e o valor máximo diário foi 25,7°C, registado no dia 16 na estação meteorológica de Santarém/Fonte Boa. No Baixo Sorraia o valor médio da amplitude térmica foi 19,0°C e o valor máximo diário foi 28,4°C, registado também no dia 16 na estação meteorológica de Coruche.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a temperatura máxima foi bastante superior ao normal para a época e a mínima foi ligeiramente inferior, de acordo com os registos das estações de Santarém/Fonte Boa e Coruche.

O mês decorreu essencialmente com dias de céu pouco nublado ou limpo e com alguns dias de maior nebulosidade, principalmente na primeira metade do mês, período em que também se verificaram condições para a formação de neblina ou nevoeiro matinal.

O vento foi maioritariamente fraco a moderado, verificando-se alguns dias com vento forte.

A precipitação ocorrida foi praticamente inexistente durante o mês e muito inferior ao normal para a época, correspondendo apenas a 2% e a 8%, de acordo com os registos das estações de Santarém/Fonte Boa e Coruche, respetivamente.

No final do mês o teor de água no solo tinha diminuído face ao mês anterior, situando-se predominantemente no índice CC [21, 40]. No entanto, em todos os concelhos

observavam-se manchas ainda situadas no índice CC [41, 60].

As reservas de água superficiais apresentavam-se com níveis elevados, acima do normal para a época, não se registando faltas de água para rega nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, nas de primavera-verão, a melhoria das condições climatéricas permitiu a conclusão das sementeiras e plantações, realizadas sem interrupções e com grande intensidade para recuperação do atraso. As temperaturas aceleraram o desenvolvimento vegetativo destas culturas. Contudo, o excesso de calor verificado nos últimos dias poderá ter comprometido algum potencial de produção. No que respeita às culturas cerealíferas de outono-inverno, o estado do tempo foi favorável ao amadurecimento dos grãos e à realização das colheitas. As temperaturas elevadas provocaram algumas situações de escaldão (dessecamento dos bagos), em vinhas mais jovens, mais expostas e em castas mais sensíveis, como é o caso da Moscatel. Nas noqueiras, a subida das temperaturas favoreceu o controlo das doenças fúngicas. Nos olivais intensivos com a subida das temperaturas no final do mês foi necessário reforçar a rega para manter o conforto hídrico das oliveiras e não comprometer o desenvolvimento dos frutos. No grão de bico, as condições climatéricas durante o desenvolvimento da cultura dificultaram a realização de tratamentos, tendo havido uma maior pressão de doenças fúngicas, difíceis de controlar.

Na **Grande Lisboa**, assinalaram-se ao longo do mês temperaturas máximas atípicas por serem muito elevadas, verificando-se uma maior amplitude térmica nos últimos quatro dias. Ao longo do mês foram registadas três ondas de calor (mais de seis dias consecutivos, com temperatura máxima diária superior em 5°C ao valor médio diário no período de referência) entre os dias 4 a 9, 13 a 23 e 25 a 30. A temperatura máxima mais elevada foi superior ao normal para a

época e a temperatura mínima mais baixa foi inferior ao normal para a época.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por tempo quente, com formação de neblina ou nevoeiro matinal em alguns locais da faixa costeira.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente fraco a moderado (até 30 km/h), soprando por vezes forte (até 40 km/h) e com rajadas no início e meados do mês até aproximadamente 50 km/h, em especial na faixa costeira.

O mês decorreu seco, com precipitação muito residual.

Na estação meteorológica de Lisboa/Tapada da Ajuda a humidade relativa média foi superior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, nos concelhos de Vila Franca de Xira e Cascais situaram-se no índice CC [21, 40] e nos restantes concelhos, em geral, no índice CC [41, 60].

No que diz respeito às reservas de água superficiais, considerou-se bom o nível das linhas de água, com boa disponibilidade de água para rega e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do estado do tempo, apesar das contingências impostas ao uso de máquinas agrícolas devido às ondas de calor que se fizeram sentir ao longo do mês, este foi propício para enfardar feno, bem como para conclusão das plantações e sementeiras de primavera-verão. As temperaturas elevadas aliadas ao elevado teor de humidade foram favoráveis a fortes ataques de mildio, sobretudo na vinha. Na vinha para uva de mesa, o escaldão afetou principalmente a variedade Red Globe em cerca de 40 a 50 % da sua produção. Também na vinha de uva para vinho houve registo de escaldão nas castas mais sensíveis, como é o caso da Castelão. O tempo quente que se fez sentir levou a um atraso no desenvolvimento da pera e provocou danos na maçã por escaldão.

Na **Península de Setúbal** o mês decorreu muito quente. As temperaturas máximas registaram em geral valores acima do normal para a época, com bastantes oscilações ao longo do mês. As temperaturas mínimas também registaram em geral valores acima do normal para a época. A maior amplitude térmica diária foi de 26,2°C, registada no dia 29 na estação de Pegões.

Na estação de Setúbal foram registadas três ondas de calor ao longo deste mês, concretamente nos períodos entre os dias 4 a 9, 15 a 23 e 25 a 30. A estação de Pegões registou duas ondas de calor neste mês, entre os dias 4 a 10 e 12 a 30, esta última com dezanove dias de duração.

Os dias decorreram com céu geralmente pouco nublado, ocorrendo os dias 4, 10 a 12, 19 e 23 a 25 com maior nebulosidade.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25 km/h a 30 km/h), com maior intensidade no início do mês.

O mês decorreu muito seco na região, ocorrendo precipitação em apenas um dia na estação de Setúbal. O valor da precipitação acumulada correspondeu a apenas 6,6% do valor normal para a época.

No final do mês as reservas de superfície apresentavam menor quantidade de água.

O teor de água no solo diminuiu significativamente relativamente ao mês anterior. No final do mês praticamente toda a região registava valores no índice CC [21, 40], havendo áreas com valores no índice CC [11, 20] nas zonas mais a sul dos concelhos de Sesimbra e Setúbal.

Não se verificaram situações de escassez de água para a rega e para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, na vinha, as elevadas temperaturas ocorridas ao longo do mês e principalmente nos últimos dias, provocaram escaldão em cachos e em folhas. Esta ocorrência não foi tão grave como poderia ter sido e o prejuízo não será tão elevado, uma vez que as elevadas temperaturas não coincidiram com elevada intensidade

de vento. No entanto, apenas em meados de julho haverá noção dos seus efeitos, do que efetivamente ficou queimado e dos estragos causados (essencialmente nas castas Moscatel e Castelão). Nas pomóideas também se verificou algum escaldão, mais grave no caso das peras, que estão mais desprotegidas pela folhagem. No caso das maçãs, que têm mais vegetação, mais vigor, as folhas protegeram mais os frutos. Nas culturas de primavera-verão, para além do ano atípico, caracterizado por muita chuva, com consequências no atraso das sementeiras, as temperaturas muito elevadas ocorridas no mês de junho tiveram consequências no crescimento e desenvolvimento das culturas. No caso da cultura do milho, provocou plantas com escaldão essencialmente em áreas em que as plantas não estavam bem regadas, com consequências na produção, avaliação a ser determinada mais tarde. Na cultura do arroz as temperaturas muito elevadas terão consequências principalmente nas sementeiras mais tardias, que se encontravam no final do mês pouco desenvolvidas. Também no tomate para indústria se prevê que as elevadas temperaturas tenham provocado situações de escaldão.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações.



**Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal**

### Oeste

Manteve-se a presença de mildio na vinha para vinho, mas com menor pressão. No final do mês foram observadas novas esporulações nas folhas receando-se

o surgimento de bago negro devido ao estado fenológico em que a vinha se encontrava. As humidades matinais e a subida das temperaturas nos últimos dias do mês criaram condições muito favoráveis ao desenvolvimento de oídio, embora não se observasse ainda uma presença significativa da doença. Para a proteção das vinhas contra o míldio e o oídio, houve necessidade de realização de tratamentos e de não deixar ultrapassar os intervalos de segurança recomendados. Com a subida das temperaturas e o tempo mais seco, começaram a surgir algumas pragas, com destaque para a cigarrinha verde. Na vinha para uva de mesa manteve-se uma forte pressão de míldio, tendo as infeções afetado os cachos, o que causou estragos significativos na produção. Apesar da realização de tratamentos com intervalos mais curtos foi difícil limitar a doença.

Nas pomóideas o fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*) manteve uma incidência muito forte, com consequências na redução do potencial produtivo da pera Rocha devido às infeções nos corimbos na fase de floração e à necessidade de realização de limpezas recorrentes para eliminar o material vegetativo infetado, como medida de contenção da propagação da doença. Apesar dos sintomas apresentarem maior severidade nos pomares de pereiras devido à grande sensibilidade da variedade Rocha à doença, no entanto, os pomares de macieiras apresentavam maior incidência de fogo bacteriano do que no ano anterior. Nos pomares de pereiras surgiram os primeiros sintomas de estenfiliose (*Stemphylium vesicarium*) nos frutos, mas ainda sem grande significado, e nos pomares de macieiras também surgiram os primeiros sintomas de pedrado nas folhas e nos frutos. No que respeita às pragas, destaca-se a presença de afídeos nos pomares de pereiras e de macieiras, que tem vindo a aumentar com a subida das temperaturas, bem como de ácaros e de pulgão lanígero nos pomares de macieiras, revelando-se este último difícil de controlar.

Nos olivais, devido às fortes humidades noturnas seguidas de dias quentes e húmidos, verificou-se o surgimento pontual da praga do algodão da oliveira.

Devido à baixa intensidade não se justificou economicamente a adoção de estratégias de combate diretas.

Na cultura da batata observaram-se algumas ocorrências de míldio nas folhas, mas sem a pressão do mês anterior. Houve ainda uma baixa incidência de alternaria. Quanto a pragas, houve alguma presença de afídeos e de escaravelho da batateira.

Foram relatados estragos significativos com perda de produção em algumas searas de cereais de sementeira outono-invernal e nas de tomate para a indústria, causados por javalis, que também destruíram sistemas de rega.

Nas hortícolas de ar livre houve problemas de míldio, afídeos e altica (pulgão) nas couves. Também começaram a surgir problemas de míldio e de oídio nas abóboras.

Nas hortícolas em estufa, na cultura do tomate, ocorreram focos de podridão cinzenta e ataques de mosca branca com média intensidade. Na cultura da courgette, houve presença de oídio com baixa intensidade. Os tratamentos revelaram-se eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

### Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, o míldio manteve-se como a principal doença. Foi realizado um tratamento na primeira quinzena e somente com o calor que veio a seguir se conseguiu controlar a doença. Encontravam-se muitas vinhas afetadas com o míldio, não só nas folhas, mas também nos cachos (perdas de 70% em relação a um ano normal). Outras vinhas estavam, para já, completamente limpas. Detetou-se em algumas folhas sintomas de podridão negra da videira (*black rot*) sem ainda um grande impacto. Nas vinhas para uva de mesa, o míldio encontrava-se controlado, mas houve muita perda de cachos.

Nos olivais tradicionais, em locais com condições húmidas que favoreceram o bom desenvolvimento vegetativo das oliveiras e alguma humidade dentro das suas copas, registou-se o aparecimento da praga cochonilha da oliveira, de forma pontual e tardia, o que não justificou economicamente a adoção de estratégias de combate diretas. Em alguns olivais intensivos foram identificados ataques de algodão da oliveira (*Euphyllura olivina*), com fraca intensidade.

Relativamente às figueiras, registou-se presença da mosca do mediterrâneo na fase final da maturação dos figos lampos, uma praga pouco comum nesta variedade. Pelo facto desta praga ter surgido na fase final da maturação dos figos não se identificam estragos significativos.

Nas amendoeiras, verificou-se ao longo do mês a presença de algumas pragas, com maior intensidade de cigarrinha verde, denotando-se algumas folhas picadas. Os tratamentos aplicados permitiram o controlo da doença podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*).

Nas noqueiras, a subida das temperaturas ajudou no controlo das doenças fúngicas, em especial da bacteriose, não sendo necessários ao longo do mês mais tratamentos à base de cobre. Nas variedades menos resistentes à doença (Howard) em que os pomares permaneceram em condições de muita humidade durante muito tempo, verificaram-se os frutos muito atacados pela doença. Relativamente a pragas, em alguns pomares ocorreram ataques de piolho com intensidade média, procedendo-se à aplicação de inseticida.

Nos pomares de limão, no que respeita a pragas, manteve-se a presença de cochonilha de pinta vermelha, com fraca intensidade, sem necessidade de efetuar tratamentos.

No milho de regadio começaram a surgir em alguns campos as pragas comuns, como a broca do milho (*Sesamia nonagrioides*), a pírale (*Ostrinia nubilalis*) e a lagarta da espiga (*Helicoverpa zea*), com intensidades

médias. A vaga de calor em junho provocou uma maior pressão na cultura com o aumento da população de cigarrinha verde (*Dalbulus maidis*), como vetor do vírus do nanismo do milho (MRDV), aumentando a probabilidade da doença na cultura.

Nas plantações de batata para indústria, verificavam-se as pragas normais, salientando-se a presença de escaravelho. Face às condições climáticas ideais (excesso de chuva com terras encharcadas no mês anterior e aumento de temperatura) para o desenvolvimento de fungos, foram registadas as doenças de mildio (*Phytophthora infestans*) e de rizoctoniose (*Rhizoctonia solani*).

### **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**

Nas vinhas para vinho, após um início de ciclo marcado por várias infeções de mildio, os tratamentos fitossanitários efetuados e principalmente a melhoria das condições meteorológicas (ausência de precipitação), permitiram um maior controlo da doença, embora ainda se observassem sintomas de mildio esporulado, principalmente nas folhas. Em algumas vinhas, foram observados sintomas de oídio e podridão cinzenta, ainda sem impacto relevante na produção. No final da segunda semana de junho ocorreu o pico do voo da traça da uva, tendo havido recomendação para a realização de tratamentos. A presença de cigarrinha verde ainda não atingiu o nível económico de ataque que justifique a realização de tratamentos. Pontualmente, foi detetada a presença de cochonilha algodão.

Nos pomares de laranja, com o calor surgiram ataques de ácaros e de piolho nos rebentos novos. Foram feitos tratamentos que aparentemente foram eficazes.

No amendoal, surgiram focos de antracnose. A eficácia dos tratamentos foi fraca prevendo-se consequências na produção.

Nas noqueiras, a subida das temperaturas favoreceu o controlo das doenças fúngicas, em especial da

bacteriose, não sendo necessários tratamentos ao longo do mês. Nas variedades menos resistentes à doença (Howard) cujos pomares permaneceram em condições de muita humidade durante um longo período, os frutos foram muito atacados pela bacteriose. Verificaram-se ataques de piolho em alguns pomares, procedendo-se à realização de tratamentos nas situações de maior intensidade da praga.

Nos olivais foram realizados tratamentos preventivos para controlo da população de traça da oliveira.

No milho, verificou-se a presença de infestantes com um crescimento muito rápido devido às temperaturas, as quais foram controladas com herbicidas. Verificaram-se estragos na cultura provocados pela presença de javalis.

No arroz também se verificou a presença de infestantes, como arroz bravo e milhãs, as quais foram razoavelmente controladas com herbicidas, exceto as milhãs, por serem mais resistentes. Em algumas zonas registou-se a presença de javalis.

## Grande Lisboa

Nas vinhas, quer de uva de mesa quer de uva para vinho, houve necessidade de intensificação dos tratamentos para infeções de mildio com intervalos mais estreitos, assim como tratamentos preventivos para o oídio. No entanto, foi difícil limitar a doença provocada por mildio que esteve muito presente ao longo do mês. Deu-se continuidade à monitorização da traça dos cachos (*Cryptoblabes gnidiella*), para a qual não existem difusores de confusão sexual e, por isso, provavelmente será necessário realizar tratamentos com inseticida. Na uva de mesa, apesar de estar presente a traça da uva (*Lobesia botrana*), ainda não há estragos, mas é necessário monitorizar. Em algumas parcelas de uva para vinho em que se verificou presença de cigarrinha verde (*Empoasca vitis*), foram aplicados os devidos tratamentos fitossanitários.

Nas pomóideas registou-se uma nova geração de bichado (*Cydia*), bem como o aparecimento de psila (*Cacopsylla pyri*) nas pereiras. Nas macieiras sentiu-se um forte aumento da pressão causada pelo pulgão lanígero (*Eriosoma lanigerum*), temendo-se uma baixa eficácia dos tratamentos efetuados.

Nos citrinos verificou-se um aumento da intensidade da traça do limoeiro (*Prays citri*), com danos nos frutos tornando-os impróprios para consumo, para a qual foram aplicados os devidos tratamentos com inseticidas.

Nas searas de arroz semeadas em abril, com a cultura recém emergida, verificavam-se algumas infestantes, sobretudo milhãs, para as quais foram aplicados os devidos tratamentos à base de herbicida.

## Península de Setúbal

Na vinha continuaram a efetuar-se tratamentos fitossanitários de controlo, normais para a época e de acordo com as situações presentes (mildio, oídio). Os focos de mildio que se verificaram, nalguns casos não estavam completamente controlados, mas não se verificou ataque direto aos cachos, prevendo-se baixas quebras de produção provocadas pelo mildio. O oídio causou alguma preocupação, mas foi controlado, não havendo focos. A incidência de cicadelídeos ainda não era relevante no final do mês.

Nas pomóideas efetuaram-se capturas de mosca do mediterrâneo com armadilhas de captura em massa, estando a situação controlada, mas já existindo mosca na maçã e na pera. Nas pereiras continuaram a efetuar-se limpezas de ramos por causa do fogo bacteriano, resultando redução do potencial produtivo e consequente perda de produção.

No amendoal, de salientar a incidência do fungo moniliose e de cicadelídeos, situação esta também presente na campanha anterior.

Na cultura do milho, a lagarta desfolhadora (*Spodoptera*), encontrava-se com pressão acima da média, maior do que na campanha anterior. Nesta fase, o vírus ananicante parece não estar tão presente na região como na campanha anterior. A presença de javalis continua a revelar-se muito preocupante nesta cultura, pelo seu poder destrutivo a nível das plantas nas diversas fases de desenvolvimento, do solo e dos equipamentos. Relativamente a infestantes, foi efetuado o controlo. De salientar a saída do mercado de substâncias ativas que existiam para controlar as infestantes na cultura do milho, com consequências na maior dificuldade no seu controlo.

Na cultura de arroz e de tomate para indústria os javalis são também um problema, essencialmente a nível de estragos provocados nos equipamentos de rega. Também nestas culturas continua a verificar-se a existência de muitas infestantes, situações controladas com tratamentos fitossanitários.



**Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, feno, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior**

No **Oeste**, as pastagens (de sequeiro e em geral espontâneas) apresentavam pouca disponibilidade de alimento.

O corte das forragens ficou concluído a meio do mês, tendo sido realizado apenas um corte na generalidade. Com o fim do ciclo da cultura os campos encontravam-se em restolho. Serão efetuadas algumas fertilizações e em setembro decorrerão as sementeiras. Apesar do menor número de cortes, o volume de matéria verde

obtida foi idêntico ou ligeiramente superior ao ano transato. Contudo, a qualidade nutricional (teor de proteína) das forragens para fenossilagem e silagem foi inferior devido ao corte tardio.

As condições de alimentação das espécies pecuárias estabuladas apresentavam-se muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado. No entanto, o equilíbrio nutricional terá de ser compensado com formulações de ração industrial mais rica em proteína, o que terá algum reflexo nos custos de produção.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro estavam praticamente todas secas em junho. Estas pastagens encontravam-se sob pastoreio direto.

Os prados de regadio apresentavam-se com as plantas quase em dormência pelo efeito das temperaturas elevadas, verificando-se, no entanto, a defesa dos sistemas reprodutivos das espécies, com os trevos em flor e o azevém a emitir sementes.

Verificou-se nas pastagens uma grande propagação de infestantes, com destaque para a língua de vaca (*Rumex obtusifolius*).

As consociações forrageiras anuais de sequeiro encontravam-se colhidas e armazenadas.

Em junho foi possível realizar o primeiro corte de luzerna, limpo de infestantes. Verificou-se uma menor produção de forragem em relação ao ano anterior, por terem morrido muitas plantas em solos encharcados nos meses anteriores.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo continuavam em pastoreio nas pastagens secas ou nas parcelas de regadio. Na fase da recria, os animais desmamados encontravam-se a consumir fenossilagem já deste ano e algum alimento concentrado.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se espigadas e a secar. No final do mês estavam concluídos os cortes de forragem destinada a enfardar (fenos) e a fenossilagem.

Verificou-se uma grande disponibilidade de alimento natural e conservado (grande abundância de fenos), superior ao ano passado, para consumo das espécies pecuárias, sem necessidade de complementar a alimentação.

Na **Grande Lisboa**, no final do mês observavam-se campos (cerca de 80% da área total) já com feno enfardado, prevendo-se o seu término para meados de julho. A qualidade foi fraca, com fenos de baixo teor proteico. Ao invés, em termos quantitativos estima-se uma maior produtividade quando comparada com o ano anterior.

Verificou-se uma grande disponibilidade de alimento natural e conservado para consumo das espécies pecuárias estabuladas e em regime extensivo, apesar do coberto vegetal se encontrar muito seco no final do mês.

Na **Península de Setúbal**, o coberto vegetal encontrava-se em geral muito seco no final do mês. Os cortes para feno, silagem e fenossilagem que praticamente não se efetuaram até final de maio, foram realizados ao longo deste mês em ritmo acelerado, estando quase tudo colhido no final do mês. Na região é visível em muitos campos agrícolas a permanência de fardos de feno e de fenossilagem por período apreciável após o seu corte, situação que não se verifica em anos de escassez deste tipo de alimento conservado.

Relativamente à quantidade colhida, foi superior à da campanha anterior. No entanto, a qualidade foi, em geral, inferior, devido ao material vegetal se apresentar mais seco na altura do corte do que seria desejável.

Relativamente ao azevém, em que normalmente são realizados dois ou três cortes, nesta campanha só foi efetuado um corte, devido às condições climáticas e ao desenvolvimento da cultura.

Nalgumas situações a alimentação animal continua a ser possível com o recurso a prados e pastagens, noutros casos é suplementada com recurso a conservados e rações industriais.



### Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal

No **Oeste**, estavam a decorrer as colheitas, as quais só ficarão concluídas no mês de julho. Devido ao excesso de água no solo na fase de desenvolvimento das plantas e aos problemas fitossanitários ocorridos na primavera, designadamente com fungos, a produtividade e a qualidade são inferiores ao normal, com grãos de calibre baixo e leves. Parte da produção não cumpre os parâmetros de qualidade exigidos para a alimentação humana, designadamente para panificação, sendo por isso encaminhada para a indústria de rações. O preço pago aos produtores é muito baixo, verificando-se um grande abandono da cultura na região devido à reduzida rentabilidade.

No **Médio Tejo**, as culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal, especificamente de trigo mole, aveia e cevada encontravam-se com a colheita a decorrer ou preparadas para a colheita. Alguns produtores de trigo mole já tinham concluído a colheita em meados de junho. Estima-se uma menor produtividade das culturas cerealíferas de outono-inverno comparativamente ao ano anterior, face às condições climáticas ocorridas nos últimos meses e inerentes problemas fitossanitários (fungos), assim como de formação dos grãos conforme anteriormente referido. No entanto, relativamente à

cultura de aveia é estimada nesta fase uma variação de produtividade positiva relativamente ao ano anterior. Em termos de qualidade, verificaram-se grãos na generalidade com uma qualidade boa e outros grãos com pouco peso específico, nomeadamente de trigo mole, com o destino de alimentação animal (ração).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as colheitas encontravam-se praticamente terminadas. Devido às condições adversas durante o desenvolvimento das culturas, na colheita do trigo, verificou-se uma produtividade inferior à do ano anterior e uma qualidade do grão mais baixa, sem peso específico. Na cevada é estimada uma produtividade idêntica ao ano anterior.

Na **Grande Lisboa** iniciou-se a colheita do trigo de sequeiro, projetando-se a colheita do trigo de regadio para meados do mês de julho, que continuou em fase final de amadurecimento. Apesar do ano ter sido mais chuvoso que o anterior no inverno e primavera, conseguiu-se combater melhor este ano o ataque de ferrugem por terem sido intensificados os respetivos tratamentos, o que se traduz em melhores resultados qualitativos. Tal como referido no relatório anterior, a cevada foi colhida na sua quase totalidade para forragem. O balanço destas culturas é positivo, pese embora a diminuição da área semeada, prevendo-se uma produtividade semelhante à do ano anterior.

Na **Península de Setúbal** o trigo mole estava com bom desenvolvimento no final do mês, estando a colheita prevista para o final de agosto. A colheita do tritcale, iniciada no final do mês, deverá estar concluída em meados de julho, sendo previsível um aumento de produtividade. A colheita da cevada deverá ser efetuada em meados de julho.



**Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, pomares de prunóideas, pomares de citrinos e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto; produção quanto a aspetos de qualidade e quantidade**

### Vinha

No Oeste, as reservas hídricas existentes no solo e o aumento das temperaturas permitiram um desenvolvimento vegetativo acentuado das vinhas para vinho e ainda a recuperação do ciclo produtivo da cultura face a algum atraso que se verificava. No final do mês a maior parte das castas encontravam-se entre o estado K - Bago de Ervilha, e o estado L - Cacho Fechado. As castas mais adiantadas no ciclo produtivo eram a Fernão Pires e a Seara Nova, no caso das castas brancas, e a Caladoc nas tintas. Perspetiva-se alguma descida de produção face ao ano anterior, observando-se que as vinhas apresentavam menos cachos por videira. É ainda muito prematura qualquer avaliação sobre a qualidade, uma vez que existem ainda muitas condicionantes para a respetiva definição. As vinhas para uva de mesa também apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo devido às condições climáticas e reservas de água disponíveis no solo. A floração e o vingamento ocorreram com normalidade, mas as infeções de míldio provocaram estragos elevados nos cachos com perdas de produção significativas. No final do mês a cultura, no que respeita às variedades Vitória, Red Globe, Crimson Seedless e D. Maria, encontrava-se no estado fenológico K - Bago de Ervilha. Devido aos problemas fitossanitários, em especial a forte incidência de míldio, estima-se menor produção face ao ano anterior.

No Médio Tejo, as vinhas para vinho encontravam-se em bom estado vegetativo. No geral as castas encontravam-se maioritariamente na fase fenológica K - Bago de Ervilha. No entanto, nas mesmas vinhas verificavam-se

vários estádios com uma grande heterogeneidade do desenvolvimento dos cachos, com uns quase fechados e outros em bago de chumbo, inclusive na casta Alicante Bouschet, já se notava o pintar do bago. Em termos quantitativos, verificou-se em parte das vinhas uma boa carga de frutos e noutras, uma grande heterogeneidade nas mesmas castas, umas plantas com poucos cachos e outras com bastante carga de frutos. A heterogeneidade verificada presume-se ser consequência das chuvas na altura da floração e pelo ataque de mildio que a cultura sofreu. No entanto, tendo presente que o ano anterior foi bastante mau, de forma global, é estimado um aumento da produtividade relativamente ao ano anterior, contudo inferior a um ano normal. É ainda estimada uma melhor qualidade face ao ano anterior. Em junho, os solos tinham ainda bastante água acumulada, tendo-se procedido a pequenas regas apenas nas zonas de retanxa. As vinhas para uva de mesa encontravam-se no geral avançadas, no estado L - Cacho Fechado e muitos cachos a entrar no estado fenológico M - Pintor. Em consequência dos problemas fitossanitários ocorridos na cultura (em especial o mildio) é estimada uma menor produtividade face ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a floração e o vingamento das vinhas para vinho decorreram dentro da normalidade. Devido às reservas de água no solo, apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo e bastante vigor. No final do mês, encontravam-se maioritariamente no estado fenológico L - Cacho Fechado. Este ano estima-se uma quebra de produtividade, ainda não quantificável no final do mês. As vinhas para uva de mesa também apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo devido às condições climáticas e reservas de água disponíveis no solo. A floração e o vingamento ocorreram com normalidade, mas as infeções de mildio provocaram estragos elevados nos cachos com perdas de produção significativas. No final do mês a cultura, no que respeita às variedades Cardinal, Vitória, Red Globe, Crimson Seedless, Michele Palieri e Arra 30, encontrava-se no

estado fenológico K - Bago de Ervilha. Devido aos problemas fitossanitários, em especial a forte incidência de mildio, estima-se uma descida acentuada da produção relativamente ao ano anterior.

Na Grande Lisboa a maior parte das variedades de uva para vinho encontravam-se entre os estados fenológicos K - Bago de Ervilha e L - Cacho Fechado, com exceção das castas mais adiantadas, como a Alicante Bouschet que se encontrava no estado fenológico M - Pintor. A maioria das variedades de uva de mesa (Vitória, Red Globe, Crimson Seedless e D. Maria) estavam no estado fenológico K - Bago de Ervilha. Já a variedade Cardinal estava a iniciar o estado fenológico M - Pintor. Apesar da floração e vingamento terem ocorrido normalmente, os fortes ataques de mildio (situação descrita no capítulo da fitossanidade) e o escaldão nas castas mais sensíveis, que ocorreram durante o mês, levarão a uma perda de produção de parte significativa dos cachos afetados. Esta situação também se aplica às castas de uva para vinho, ao que acresce a podridão dos cachos, mas ainda é prematuro estimar a sua produtividade.

Na Península de Setúbal as vinhas encontravam-se no final do mês com bom desenvolvimento vegetativo, apesar das já referidas situações de escaldão provocadas pelas elevadas temperaturas ao longo do mês. Relativamente ao estado fenológico, no geral da região as castas mais adiantadas, nomeadamente a Fernão Pires, encontravam-se no início do estado M - Pintor e as mais atrasadas, como a Moscatel, no estado L - Cacho Fechado. Nalgumas zonas o desenvolvimento estava mais atrasado, com as castas no geral ainda em cacho fechado. No geral a mostra de cachos é heterogénea, havendo cachos muito bem compostos, mas também evidências de quebra de produção, pelo que ainda não é possível perspetivar relativamente à campanha anterior. Prevê-se que a colheita seja iniciada em meados de agosto.

## Pomóideas

No Oeste, os pomares apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo devido às reservas de água no solo. Como referido anteriormente, as taxas de vingamento nos pomares de pereiras e de macieiras foram médias e em alguns casos baixas devido à influência das noites frias verificadas nos meses anteriores, que tiveram algum efeito negativo no vingamento dos frutos. No final do mês os pomares de pereiras (Rocha) e de macieiras (Gala, Golden, Fuji, Reineta e RegalYou) encontravam-se no estado fenológico J – Frutos em Desenvolvimento. Sobre as expectativas de produção de pera, embora se preveja uma manutenção ou descida de produção em boa parte dos pomares, estima-se que alguns venham a registar uma subida, pelo que, numa perspetiva abrangente da região, prevê-se algum aumento potencial da produção relativamente à campanha anterior. Contudo, é ainda incerto o impacto que o fogo bacteriano e a estenfiliose poderão ter na produção, mas contribuirão de forma determinante para definir o potencial produtivo da campanha, bem como situações climatéricas como golpes de calor ou outros fenómenos extremos que venham a ocorrer. Nos pomares de macieiras, também com presença de fogo bacteriano e com maior intensidade do que nos anos anteriores, a situação é menos severa, não influenciando de modo tão acentuado o potencial produtivo. Prevê-se uma produtividade semelhante ao ano anterior na variedade Gala, uma diminuição nas variedades Golden e Fuji e um aumento nas variedades Reineta e RegalYou. Nos pomares de pereiras e de macieiras os frutos apresentavam um bom crescimento, esperando-se bons calibres, o que poderá compensar o menor número de frutos.

Na Grande Lisboa, na generalidade as pomóideas apresentavam-se com frutos em crescimento, mas com ligeiro atraso ao que seria expetável para a época, sendo ainda prematuro estimar a sua produtividade.

Na Península de Setúbal, no final do mês as pereiras e as macieiras encontravam-se com os frutos em crescimento, com bom calibre, estando previsto o início da colheita em meados de agosto.

## Prunóideas

No Oeste, a floração decorreu um pouco mais tarde do que o normal nos pomares de ameixeiras. O nível de vingamentos e o número de frutos por árvore foi semelhante ao ano passado em alguns pomares e noutros foi ligeiramente inferior. Os pomares apresentavam frutos em crescimento, frutos a amadurecer e frutos em colheita nas variedades mais precoces. Os frutos apresentavam bons calibres, compensando a menor quantidade por árvore. Numa perspetiva geral da região, estima-se uma produção com boa qualidade, mas ligeiramente inferior ao ano passado, devido a perdas provocadas pela queda de granizo no mês abril em diversos concelhos da região. As variedades mais precoces de pêssegos, como as nectarinas, já foram colhidas, e outras encontravam-se em colheita. A produção é ligeiramente menor do que no ano anterior e os frutos apresentavam boa qualidade e bons calibres.

No Médio Tejo, os pomares de pessegueiros encontravam-se com a colheita terminada. É estimada uma redução significativa de produtividade face ao ano anterior pelos problemas fitossanitários, em especial a doença da lepra, que muito afetou a cultura.

Na Península de Setúbal, conforme referido anteriormente, as condições climatéricas ocorridas prejudicaram muito a fase de floração das ameixeiras, prevendo-se uma produção muito baixa.

## Citros

No Oeste os pomares de limão apresentavam frutos em crescimento e boa quantidade de frutos por árvore, podendo considerar-se um ano normal em termos de quantidade de produção.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se com um desenvolvimento regular. No final de junho os pomares encontravam-se a finalizar a fase de vingamento dos frutos (90%) e observavam-se os frutos já em crescimento.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, nos pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) apesar de ter ocorrido uma boa floração, o vingamento dos frutos foi fraco. Por outro lado, acentuou-se a deterioração do estado vegetativo referido no mês anterior, provocada pelo excesso de água no solo e pela impossibilidade de realização de adubações atempadamente, o que provocou a queda de frutos durante o mês (June drop). Face a estas condições perspectiva-se um ano de produção exceccionalmente baixa.

Na Grande Lisboa, os limoeiros encontravam-se no estado fenológico J - Crescimento de Frutos. Verifica-se uma menor produtividade relativamente ao ano anterior e estima-se uma produção de menor qualidade devido a frutos muito grandes, com roçamentos e manchas causadas por fungos durante a primavera.

Na Península de Setúbal no final do mês os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento, prevendo-se a próxima colheita em setembro.

## Olival

No Oeste, as condições climatéricas verificadas na primavera, permitiram que o desenvolvimento do ciclo vegetativo do olival tradicional decorresse sem grandes limitações, tendo-se verificado um elevado número de inflorescências e abundante floração. No entanto, as elevadas temperaturas registadas no final de maio e em alguns dias de junho, tiveram um impacto negativo no final da floração, tendo-se verificado um elevado número de cachos florais desprovidos de fruto vingado. A renovação foliar ocorrida em maio durante o período de floração, não habitual, provocou no mês de junho uma competição direta entre novos crescimentos foliares e frutos recém vingados, acentuando a normal queda fisiológica dos mesmos. Perante as condições observadas, perspectiva-se uma menor produção face ao potencial produtivo previsto no início da floração. No final do mês a maioria das variedades da região apresentavam frutos em desenvolvimento, principalmente na formação do endocarpo (caroço). É ainda prematura uma avaliação sobre a qualidade da produção.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais, a maioria das variedades que caracterizam a região, encontravam-se ao longo do mês com os seus frutos em desenvolvimento, principalmente na fase do endurecimento do seu endocarpo. Perspetiva-se uma menor produção face ao potencial produtivo que as árvores apresentavam, caracterizado pelo elevado número de cachos florais desprovidos de qualquer fruto vingado. Os olivais intensivos encontravam-se em bom estado vegetativo, com os frutos em crescimento. No geral, verificou-se uma boa floração e vingamento dos frutos, estimando-se em termos quantitativos uma boa produção. Em termos qualitativos ainda não é possível avançar com uma estimativa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os olivais apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se na generalidade na fase de endurecimento do caroço. Se não ocorrerem situações adversas, em termos quantitativos prevê-se um ano de boa produção, com destaque para a variedade Galega. Em relação à qualidade, ainda é bastante prematuro adiantar alguma previsão.

### **Figueiral**

No Médio Tejo, as variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine, encontravam-se em fase de maturação dos figos lampos e alguns pomares com as colheitas praticamente terminadas. Os figos vindimos das variedades Pingo de Mel e Preto de Torres Novas encontravam-se com um desenvolvimento vegetativo dentro da normalidade. Contrariamente ao previsto anteriormente, estima-se nesta fase uma redução menos acentuada da produtividade face ao ano anterior, inclusive, em alguns pomares é estimada a manutenção da produtividade relativamente ao ano passado. No que respeita à qualidade dos figos lampos verifica-se muito semelhante ao ano anterior.

Na Grande Lisboa, a atividade vegetativa das cultivares decorreu sem problemas fitossanitários, e com elevada qualidade. Contudo, entre os dias 28 e 30 em que ocorreram temperaturas extremamente elevadas, os frutos ficaram danificados por escaldão, verificando-se uma queda muito significativa, o que antecipou o término da colheita. Estima-se que cerca de 30% da produção ficou por colher.

### **Amendoal**

No Médio Tejo, as amendoeiras encontravam-se em bom estado vegetativo e com os frutos a finalizar o seu crescimento e a entrarem em amadurecimento. Os pomares têm sido devastados pelos javalis (população a

umentar) que puxam e partem os ramos mais baixos das árvores para arrancarem os frutos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de amêndoa apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se os frutos na fase final de crescimento e em início do amadurecimento. Nesta campanha, mantém-se a estimativa de uma descida da produção devido à menor floração e vingamento dos frutos, em consequência da precipitação e do vento ocorridos na altura da floração.

Na Península de Setúbal no final do mês os frutos tinham o caroço preenchido e o miolo já formado. Prevê-se que a colheita seja efetuada na segunda semana de setembro e uma produção um pouco superior à da campanha anterior.

### **Nogueiral**

No Médio Tejo, as nogueiras encontravam-se em bom estado vegetativo e com a floração completa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de nogueiras encontravam-se em bom estado vegetativo e em completa floração.



**Sementeira de Primavera, nomeadamente quanto às culturas de Milho de regadio e Feijão; como decorreram, como germinaram; variação das áreas semeadas e plantadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação caso se tenha verificado. Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio; disponibilidades de água para rega**

### Milho

No Oeste, apesar do atraso ocorrido na instalação do milho de sequeiro para grão, devido à disponibilidade de água no solo e à subida das temperaturas, verificou-se uma recuperação no ciclo de desenvolvimento da cultura. No final do mês, as plantas mais adiantadas apresentavam-se em desenvolvimento vegetativo, com cerca de 1,5m de altura, dentro do normal para a época. Estima-se que a área semeada seja ligeiramente inferior ao ano precedente devido às limitações impostas pelas condições climáticas no período próprio de instalação da cultura. As sementeiras de milho forrageiro de regadio também foram iniciadas tardiamente por imposição das condições climáticas, tendo ficado concluídas apenas no final do mês. A sementeira correu bem e sem interrupções. A germinação e emergência foram boas. As plantas mais adiantadas encontravam-se em desenvolvimento vegetativo e com cerca 25cm. Nas últimas instalações as plantas estavam em germinação. Houve boa disponibilidade de água para rega. Estima-se que a área semeada seja ligeiramente superior ao ano transato devido à oportunidade de instalação da cultura em terrenos que ficaram disponíveis de outras culturas planeadas que não foram realizadas, como a batata. No milho de regadio para grão estima-se que possa haver alguma redução de área face ao ano anterior, principalmente por alguns produtores optarem por culturas alternativas, potencialmente com maior rentabilidade económica.

No Médio Tejo, as sementeiras de milho encontravam-se concluídas. As primeiras sementeiras instaladas no final de abril, encontravam-se com as plantas em floração, enquanto as mais tardias encontravam-se na fase vegetativa das duas folhas. É estimada uma manutenção das áreas semeadas relativamente ao ano anterior. Verifica-se um aumento dos estragos nas searas logo após as sementeiras provocados pelos javalis. Foram ainda identificados estragos provocados pelas gralhas (notado um aumento da população) que esgravatam o solo e arrancam as sementes. No final do mês verificou-se uma intensificação dos tempos de rega (quase 24 horas) face aos dias de calor ocorridos em fases determinantes de desenvolvimento vegetativo da cultura, com uma boa disponibilidade de água para a rega.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia as sementeiras de milho encontravam-se praticamente concluídas, verificando-se no geral uma boa germinação. Quanto ao estado vegetativo, nas primeiras sementeiras as plantas encontravam-se na fase de floração, e nas últimas, as plantas com duas folhas. Estima-se um aumento das áreas semeadas, devido à maior disponibilidade de terras pela redução de área de tomate contratada com a indústria. Também as perdas de oportunidade de instalação de outras culturas de primavera disponibilizaram terras para a cultura de milho. Verificou-se um aumento dos estragos na cultura, provocados pelos javalis, assim como, estragos provocados por gralhas, as quais removem o solo e arrancam as sementes. Registou-se uma boa disponibilidade de água para rega.

Na Grande Lisboa a sementeira de milho foi muito atrasada, tendo sido finalizada nos últimos dez dias do mês. Nos campos semeados no início de junho já se veem plantas a emergirem. Houve uma redução da área semeada comparativamente ao ano anterior, por a sementeira ter sido feita tardiamente. Este atraso

deveu-se à impossibilidade de entrada de máquinas agrícolas nos terrenos encharcados durante o mês de maio. Por esse motivo, foram utilizadas variedades de ciclos mais curtos, que são menos produtivas.

Na Península de Setúbal, as sementeiras, iniciadas no princípio de maio, ainda não tinham sido concluídas no final deste mês, faltando 5% de área semeada. Estima-se uma área idêntica à da campanha anterior. No final do mês a cultura apresentava-se com bom desenvolvimento vegetativo. Os primeiros milhos a serem semeados estavam com 10 a 12 folhas e em geral ainda não estavam em floração. O milho semeado posteriormente tinha 4 a 5 folhas. Relativamente ao milho ainda a ser semeado em julho, vai estar mais sujeito a pragas, o seu ciclo vai passar por dias mais curtos, com consequências na produção. Em geral não ocorreram constrangimentos na quantidade de água para rega. Prevê-se que a colheita seja efetuada a partir de final de setembro/início de outubro e que decorra até meados de dezembro.

### Feijão

No Oeste, devido às condições meteorológicas, a instalação da cultura de feijão para seco e em sistema de sequeiro, foi mais tardia, apresentando no final do mês um atraso de cerca de duas semanas comparativamente ao ano anterior. As plantas apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo devido à precipitação abundante ocorrida na primavera e encontravam-se em floração, apresentando boa quantidade de flores. Com a reduzida precipitação registada no mês de junho e as temperaturas elevadas, em alguns locais as plantas revelavam necessidades hídricas. Apesar do atraso na instalação da cultura, estima-se que ocupe uma área semelhante ao ano anterior.

No Médio Tejo, as sementeiras de feijão (muito atrasadas) estavam terminadas. Nas sementeiras mais adiantadas, a cultura encontrava-se na fase de emergência, denotando-se algum amarelecimento das plantas. É estimada nesta fase uma redução de áreas semeadas na região relativamente ao ano anterior.

### Grão de Bico

No Oeste, a instalação da cultura, em sistema de sequeiro, foi mais tardia devido às condições climáticas. No final do mês as plantas estavam ainda em desenvolvimento vegetativo. A área instalada foi menor porque o atraso nas sementeiras limitou a disponibilidade de tempo dos produtores para dedicação à cultura. Em alguns locais as plantas começavam a revelar necessidades hídricas devido à reduzida precipitação e temperaturas elevadas registadas no mês de junho.

No Médio Tejo, relativamente a áreas semeadas mais precocemente verificou-se que a cultura no final do mês se encontrava pronta para colher. É estimado um aumento da área instalada com a cultura face ao ano anterior, pese embora a dificuldade e atraso na generalidade da instalação da cultura. Em termos de produtividade estima-se que seja igual comparativamente ao ano anterior, e em termos de qualidade prevê-se que seja um pouco superior, contudo só será possível avaliar este critério após a colheita.

Na Lezíria do Tejo, verificou-se um aumento de área instalada, relativamente ao ano anterior. As sementeiras mais precoces encontravam-se prontas para colher. Estima-se uma produtividade idêntica e uma qualidade um pouco superior comparativamente ao ano anterior.

## Batata de Regadio

No Oeste as primeiras sementeiras já tinham sido colhidas ou encontravam-se em colheita. A produtividade é inferior ao ano passado devido ao excesso de água no solo durante o desenvolvimento da cultura e aos problemas fitossanitários ocorridos, designadamente a forte incidência de míldio. Verificaram-se problemas de qualidade, com rachamentos, deformações, sarna e calibres baixos. Grande parte das sementeiras mais recentes, realizadas durante o mês de maio, encontravam-se em floração e apresentavam um melhor um estado vegetativo, embora por vezes inferior ao normal por terem sido semeadas já fora do ciclo da cultura. Estima-se melhor produtividade e qualidade das searas mais recentes relativamente às já colhidas.

No Médio Tejo, as sementeiras muito atrasadas nesta campanha devido ao excesso de água no solo, encontravam-se no final do mês com um bom desenvolvimento vegetativo. É estimada uma redução de áreas semeadas na região relativamente ao ano anterior. Prevê-se que a produtividade seja um pouco mais baixa devido aos problemas de excesso de água nos solos e fitossanitários que ocorreram ao longo da campanha.

## Arroz

No Oeste, o tempo permitiu a realização de todos os trabalhos necessários à cultura, tendo as sementeiras ficado concluídas na última semana, com um atraso superior a um mês comparando a um ano normal. A área semeada foi semelhante à do ano anterior. Os primeiros campos semeados apresentavam boa germinação, com lançamentos de cerca de 2cm. Ainda não foram identificados estragos causados por javalis, mas a sua presença já foi registada. Não havia restrições na disponibilidade de água para rega.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as sementeiras estavam praticamente concluídas. As primeiras áreas semeadas apresentaram uma boa emergência e um desenvolvimento mais rápido do que nos anos anteriores, devido à cultura ter beneficiado de temperaturas mais altas com a instalação tardia. As sementeiras mais precoces encontravam-se no início do afilhamento, mais concretamente com 2-3 filhos. As mais tardias encontravam-se na fase de pré-emergência. Estima-se uma área da cultura idêntica ao ano anterior.

Na Grande Lisboa, ao longo do mês decorreram as sementeiras, as quais se tinham iniciado no princípio da última semana de abril, mas que em maio tiveram que ser interrompidas devido à impossibilidade de entrada de máquinas agrícolas nos campos encharcados e que precisavam ser amanhados. Prevê-se o final da sementeira na região (cerca de 10% da área total) para o início de julho. As searas iniciadas nos finais de abril tiveram uma boa emergência, tendo sido aplicados os devidos herbicidas e feito as adubações previstas para a cultura, que se encontra dentro do expectável.

Na Península de Setúbal as sementeiras, iniciadas em meados de maio, terminaram em meados de junho, sendo a área semeada idêntica à da campanha anterior. No final do mês o arroz que tinha sido semeado mais cedo estava com bom desenvolvimento vegetativo. Nas sementeiras mais tardias, devido a terem estado sujeitas a temperaturas muito elevadas na sua fase inicial de crescimento, a germinação não foi uniforme. Em geral não foram referidos constrangimentos na quantidade de água para rega. No entanto, a disponibilidade de água está dependente da localização dos arrozais, sendo por vezes limitada relativamente ao desejável.

## Tomate para indústria

No Oeste, a instalação da cultura decorreu sem interrupções e com um ritmo muito intenso para compensar o início tardio das plantações. A urgência da instalação da cultura provocou uma concentração não habitual das datas de plantação, diminuindo o período temporal de escalonamento das plantações em cerca de três semanas, o que poderá perspetivar uma colheita muito concentrada e problemática perante a capacidade de laboração instalada. As plantações terminaram a meio de junho e no final do mês a cultura apresentava um atraso de três semanas em relação a um ano normal. As plantas apresentavam-se vigorosas, com bom desenvolvimento vegetativo. Os primeiros campos instalados apresentavam plantas no início de vingamento do fruto, mas grande parte da cultura encontrava-se em plena floração. No final do mês ainda não era possível avaliar o impacto na floração da onda de calor ocorrida nos últimos dias, que poderá provocar uma diminuição de frutos. A área da cultura em termos gerais reduziu por imposição contratual da indústria. Não se verificaram restrições na disponibilidade de água para rega.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a instalação da cultura ficou concluída a meio do mês e decorreu sem interrupções, com um ritmo muito intenso para compensar o atraso das plantações. Em consequência a colheita será iniciada mais tarde. Devido à intensa concentração das datas de plantação, verificava-se uma grande apreensão com a colheita pela provável concentração de maturação dos frutos no campo. As plantas apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, favorecido pelas condições climatéricas, embora as temperaturas elevadas na fase de plena floração possam vir a provocar quebras de vingamento do fruto e consequente influência na produtividade. A área da cultura reduziu por imposição contratual da indústria e pela descida de preços. Os níveis de água estavam aceitáveis, não se prevendo dificuldades

quanto à disponibilidade de água para rega. Contudo, a proibição de fazer novos furos e afundamento dos existentes poderá a breve prazo colocar em risco a produção de culturas de regadio.

Na Grande Lisboa foram terminadas as plantações que se haviam iniciado em final de abril/princípio de maio, constatando-se uma redução da área total relativamente ao ano anterior, devido aos cortes nas quotas estipuladas pela indústria em consequência do excedente de produção do ano anterior, sobretudo vindo de outros países. Também o facto do preço a pagar este ano pela indústria aos agricultores ser mais baixo, aliado ao aumento dos custos de produção, delineiam um cenário economicamente muito frágil para a fileira. Apesar do atraso da cultura de cerca de um mês, devido a se ter plantado tardiamente, no final do mês a maioria das plantas apresentavam bom desenvolvimento vegetativo, umas em floração e outras (mais precoces) com tomate fechado e sem problemas fitossanitários relevantes. Nalgumas parcelas a floração das plantas foi afetada pela onda de calor que se fez sentir nos últimos dias do mês. Sinalizaram-se alguns casos de fungos na raiz em plantas mais velhas, para os quais foram aplicados os devidos tratamentos fitossanitários. Na generalidade, para além das adubações através da rega em mini doses, foram feitos tratamentos preventivos ao aparecimento de míldio, ácaros, mosca branca e *Tuta absoluta*. Houve relatos de prejuízos causados pelos javalis que roeram e espezinharam os sistemas de rega antes mesmo da plantação. Perspetiva-se que a colheita sofra atraso de cerca de um mês e meio do que tem vindo a ser habitual em anos anteriores, não sendo ainda possível estimar a produtividade da cultura.

Na Península de Setúbal as plantações, iniciadas no final de abril/princípio de maio, ficaram concluídas na primeira semana deste mês. Na região a área plantada é inferior relativamente à campanha anterior, devido a condições contratuais com a indústria. As plantas

apresentavam-se no final do mês com bom desenvolvimento vegetativo, apesar de atrasado em relação ao normal e em início de floração/crescimento do fruto. Na generalidade não foram referidos constrangimentos na quantidade de água para rega.

### **Girassol**

No Oeste a instalação da cultura decorreu com um atraso de cerca de dois meses, tendo ficado concluída no final do mês. A área instalada foi superior ao ano anterior devido à opção dos produtores pela realização da cultura em substituição de outras com menor rentabilidade, como o milho de regadio. A cultura germinou e emergiu bem. Os campos mais adiantados apresentavam plantas em desenvolvimento, com seis a oito folhas e com bom estado vegetativo. Não se verificaram restrições na disponibilidade de água para rega.

No Médio Tejo é estimada uma redução de áreas relativamente ao ano anterior, motivada essencialmente pelo atraso da colheita das culturas antecedentes e perda de oportunidade na instalação da cultura.

### **Melão**

Na Grande Lisboa deu-se início à colheita no final do mês, que se estenderá para o início de julho. Apesar de alguns frutos terem sido afetados pelo calor excessivo e apresentarem rachaduras, estima-se uma produtividade superior à do ano anterior.

## DADOS METEOROLÓGICOS

Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Tapada da Ajuda	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	36,0	26,2	38,6	40,3	41,2	44,1	43,9	44,2	44,1	46
Dia	29	17	30	30	30	29	29	29	29	29
Valor médio da temperatura máxima (°C)	27,1	21,7	27,8	29,4	30,1	32,5	31,3	33,3	32,1	34,6
Temperatura máxima normal para a época (°C)	24,6	—	24,9	26,2	27,9	28,7	28,3	29,4	—	30,3
Temperatura mínima (°C)	11,5	10,1	11,9	12,8	11,7	11,9	13,1	12	10,8	9,6
Dia	5	5	16	21	12	4 e 5	5	16	5	15
Valor médio da temperatura mínima (°C)	15,6	14,5	15,5	15,1	15,7	15,0	15,8	14,8	15,5	14,3
Temperatura mínima normal para a época (°C)	13,1	—	14,0	15,1	14,3	13,7	14,8	13,3	—	12,6
Temperatura média normal para a época (°C)	18,9	—	19,4	20,7	21,1	21,2	21,5	21,4	—	21,5
Horas de frio	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rajada máxima de vento (Km/h)	42,8	42,5	59,4	48,2	45,7	45,7	45	52,2	52,9	45
Dia	3	8	3	1	1	18	3	29	3	29
Número de dias com precipitação	2	4	2	a)	1	5	1	1	2	2
Precipitação acumulada no mês (mm)	1,3	2,6	0,8	3,5	1,3	0,8	0,3	0,8	0,5	3,8
Precipitação normal para a época (mm)	18,8	—	16,0	12,4	15,2	13,3	16,3	10,4	—	14,8
Precipitação diária máxima no mês (mm)	0,8	1,5	0,7	2,5	1,3	0,4	0,3	0,8	0,3	2,6
Dia	4	19	19	19	19	19	19	29	25	29
Humidade relativa média diária mínima (%)	65	78	64	40	47	56	48	31 <sup>b)</sup>	46	49
Humidade relativa média diária máxima (%)	81	92	86	85	84	91	75	77 <sup>b)</sup>	75	73
Humidade relativa média (%) do mês	73	85	77	67	67	79	66	63 <sup>b)</sup>	67	64

### Notas:

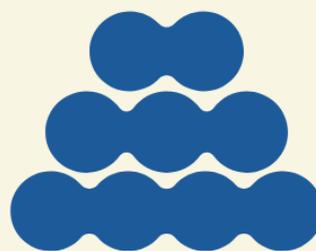
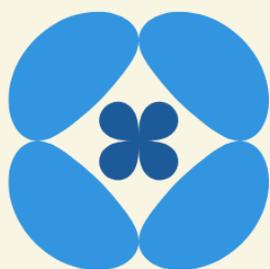
Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados nos dias 1, 2, 5, 8, 15, 16, 18, 20, 28 e 30.

b) Dados recolhidos na estação meteorológica de Coruche/Cruz do Leão devido a falha de dados ao longo do mês na estação meteorológica de Coruche.

– Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



**CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.**  
**RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37**  
**1250-009 LISBOA**

**TEL.: +351 213 837 100   GERAL@CCDR-LVT.PT   WWW.CCDR-LVT.PT**